



## Comunicação ambiental no Arco do Desflorestamento<sup>1</sup>

**Por Gisele Neuls**

Instituto Centro de Vida

Agência de Notícias Ambientais Estação Vida

A cobertura de temas socioambientais no Brasil pode ser analisada a partir de três aspectos básicos e significativos desde a realização da Rio-92: espaço midiático, corpo técnico especializado e sistematização teórica. Mas se nos dois últimos os avanços são nítidos e indiscutivelmente positivos, no que tange o espaço midiático o cenário vem se transmutando dos cadernos e editoriais especializados em veículos tradicionais para as mídias ambientais<sup>2</sup> – espaços altamente especializados, mas parcamente financiados. Mesmo com limitações de estrutura e recursos para manutenção de profissionais e redações, as mídias ambientais têm sido espaços privilegiados de acúmulo de práticas, experiências e reflexões acerca da diversidade de pautas regionais e temas da complexa atualidade brasileira.

A Agência de Notícias Ambientais Estação Vida, veículo do Programa de Comunicação e Educação Socioambiental do Instituto Centro de Vida – ICV, se insere nesse contexto como mídia ambiental de Mato Grosso. Criada em 2003, a Estação Vida é a consolidação do trabalho de comunicação iniciado pela ong em 1995 com o projeto Pantanal Vivo, e permanece como único veículo especializado em meio ambiente no estado. Consoante com a missão e atuação do ICV<sup>3</sup>, a missão da Estação Vida é dar voz a atores socialmente excluídos, movimentos sociais, organizações não-governamentais e redes de entidades do terceiro setor, na cobertura das pautas socioambientais relevantes para o estado de Mato Grosso, respeitando os princípios éticos de cuidado com a vida e buscando promover formas de convivência harmoniosa com o Planeta.

Atuando há 15 anos em Mato Grosso, especialmente no Pantanal e no Cerrado, o ICV inaugurou sua atuação no bioma Amazônico em 1999, com o Programa Fogo: Emergência Crônica no extremo-norte do Estado, na região conhecida como Arco do Desflorestamento. Essa experiência se reverte em inúmeras ações de comunicação na região e começa seu

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Painel Ética, Jornalismo e Cidadania Ambiental, no dia 20 de maio de 2006, no I Congresso de Jornalismo Ambiental do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> NEULS, Gisele Souza. A História da Cidade nas páginas dos jornais - um olhar sobre os usos da informação ambiental de Porto Alegre, RS. Disponível em <http://www.jornalismoambiental.jor.br>

<sup>3</sup> Missão: desenvolver estudos e ações visando a proteção do meio ambiente, a conscientização do ser humano, o fortalecimento da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da sociedade, agora e no futuro. Disponível em [www.icv.org.br](http://www.icv.org.br)



processo de consolidação em 2005, com o trabalho de comunicação concentrado no Território Portal da Amazônia e um profissional residente na região, atuando no escritório do município de Alta Floresta.

Desde a produção e distribuição de pautas e releases até a elaboração de um jornal voltado para a agricultura familiar (Folha Portal da Amazônia), passando por comunicação institucional e elaboração de planos e estratégias de comunicação para projetos do ICV e de outros parceiros, o trabalho vem oferecendo um rico espaço de aprendizado sobre as possibilidades e limitações de se trabalhar com comunicação ambiental em um território com profundas contradições e graves problemas.

## O território

Localizado no Ecótono Sul-Amazônico, o território Portal da Amazônia é uma região de extrema importância para conservação por sua diversidade biológica que vem sofrendo forte pressão antrópica com o avanço da fronteira agrícola, especialmente ao longo do eixo da BR-163, a rodovia Cuiabá-Santarém. Composto por 16 municípios, soma uma área de 110.014 mil km<sup>2</sup>, que abriga 237.220 pessoas e acumula uma taxa de 31% de sua superfície desmatada<sup>4</sup>.

As principais atividades econômicas da região são a agropecuária, extração madeireira e agricultura familiar. De modo geral, o território pode ser descrito como uma região marcada pela concentração de terras e renda, com comércio interno fragilizado e dependente de produtos externos ao território. No cenário da agricultura familiar, a situação é ainda mais complicada. Responsável por grande maioria dos estabelecimentos, mas não pela maior área rural, a pequena propriedade apresenta baixa eficiência econômica e sérios problemas ambientais como degradação dos recursos hídricos e empobrecimento do solo. Um estudo socioeconômico<sup>5</sup> realizado na região pela Fundação Cândido Rondon, a pedido do Ministério do Desenvolvimento Agrário, deixa claro que o modelo de desenvolvimento da região – baseado na exploração dos recursos madeireiros e da agropecuária tradicional – não está conseguindo distribuir as riquezas geradas pelas atividades de produção.

O modelo de desenvolvimento ainda respira o padrão do processo de colonização iniciado nos anos de 1970 sob influência da campanha de ocupação dos “vazios” do Centro-Oeste e de “integrar para não entregar”, que trouxe uma grande massa de agricultores do Sul do país para a região. Trazidos pelas promessas de enriquecer a partir da terra, atropelados pela descoberta do ouro e dos diamantes e as violências do garimpo, trabalhando com técnicas inapropriadas para as características do novo bioma, os agricultores e agricultoras que se estabeleceram há 20 ou 30 anos no Portal da Amazônia hoje se dividem entre o sentimento

---

<sup>4</sup> Os dados são de população são do Senso de 2000 do IBGE e os demais do Laboratório de Informações Geográficas do ICV.

<sup>5</sup> Estudo Propositivo do Portal da Amazônia, disponível em [https://serv-sdt-1.mda.gov.br/gnc/ep/estudos/MT\\_PortaldaAmazonia.doc](https://serv-sdt-1.mda.gov.br/gnc/ep/estudos/MT_PortaldaAmazonia.doc)



de impotência frente à degradação de suas propriedades, a ciência de que o uso que fizeram da terra e dos recursos naturais é o responsável pelas dificuldades que enfrentam e a revolta por não terem acesso a políticas públicas que consertem os estragos daquela política que os trouxe para a região. Além disso, a falta de regularização fundiária e ambiental das propriedades rurais dificulta o acesso a financiamento e outras políticas públicas de desenvolvimento.

O estudo aponta duas necessidades urgentes para se trabalhar com a mudança no padrão de desenvolvimento do território voltado para a sustentabilidade: aumento da renda da população rural, com ênfase na recuperação ambiental e intervenção do poder em limitantes estruturais como energia elétrica e estradas.

No que tange o setor madeireiro, o manejo florestal é praticamente inexistente, porém urgente dado o esgotamento das fronteiras iniciais de exploração madeireira e sua nítida migração em direção ao Sul do Pará. Os empresários apontam inúmeras dificuldades para adotarem sistemas de manejo racional da madeira –com uma parcela de razão: o manejo necessita de investimentos; o mercado para a madeira certificada, mais cara, ainda é restrito; há desconhecimento sobre as técnicas de manejo e seus resultados a longo prazo e há ineficiência e corrupção nos órgãos ambientais responsáveis pela gestão florestal, o que acaba penalizando as empresas que trabalham legalmente. Mas é inegável que a ilegalidade é altamente lucrativa, assim como a exploração do trabalho escravo na pecuária. Em geral, essa mão de obra é usada na abertura de novas áreas para pastagens e extração madeireira, já que a principal fonte de matéria prima da indústria madeireira na região é originada dos desmates nas grandes propriedades.

### **Mídias do território**

Distantes em média 800km da capital, os veículos de comunicação impressos de Cuiabá não chegam aos municípios do território, cujo acesso à produção midiática do centro-sul do estado se dá quase que exclusivamente pelos portais de internet e o jornal diário da TV Centro América, afiliada da Rede Globo.

A comunicação regional, no entanto, é abundante, com um significativo número de veículos de comunicação municipais ou microrregionais. Em Alta Floresta, principal cidade do território, há quatro jornais impressos, um deles diário e os demais com duas ou três edições na semana, duas emissoras de rádio FM, uma rádio AM, e duas televisões locais, afiliadas às redes Record e SBT. Dos 16 municípios, 9 possuem rádios comerciais ou comunitárias, 6 têm canais locais de TV e todos são cobertos por jornais locais ou microrregionais e portais noticiosos, geralmente ligados aos jornais impressos<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Total de veículos visitados pela equipe da Estação Vida e/ou incluídos no mailing lista da agência.



Apesar da abundância, o cenário é de baixo nível de qualificação profissional em relação à Cuiabá e ao Sul-Sudeste do país, com jornalistas e repórteres sem formação específica e muitos sequer com registro profissional precário. A remuneração é baixa e a infra-estrutura extremamente deficiente. Além disso, vários veículos possuem alguma ligação, ainda que esporádica ou pontual, com políticos e lideranças econômicas locais.

### **A Estação Vida**

Este é o cenário de atuação da Estação Vida, que tem por pautas prioritárias assuntos relativos a Políticas Públicas, Alternativas Sustentáveis, Conservação e Áreas Protegidas. A agência produz e distribui notícias relativas a estes assuntos, publica notícias socioambientais de outras fontes, relativas a esta área de atuação, produz um jornal voltado para a agricultura familiar, monitora os veículos da área de influência da Rodovia Cuiabá-Santarém (BR-163) e colabora com a produção de estratégias e materiais de comunicação para os projetos do ICV e de parceiros que envolvem temas como iniciativas sustentáveis, Agenda 21 e gestão ambiental.

Podemos dizer que a agência trabalha com quatro públicos externos: imprensa, agricultores familiares, simpatizantes (terceiro setor, entidades parceiras, atores diretamente envolvidos e/ou beneficiados pelos programas e projetos do ICV e colaboradores) e não-simpatizantes (lideranças políticas e econômicas influenciadas pela idéia de que as organizações não-governamentais estão a serviço da internacionalização da Amazônia). Para cada um destes públicos a estratégia de comunicação precisa ser diferenciada, um desafio ao qual a Estação Vida se debruça ainda muito inicialmente. Como garantir o cumprimento da missão da agência, respeitando as especificidades de cada um destes públicos e das dinâmicas próprias do território?

Nesse sentido, a Folha Portal da Amazônia parece mostrar alguns caminhos. A Folha é um jornal impresso, com tiragem de 3 mil exemplares e distribuído para atores do poder público, movimentos sociais e organizações ligadas à agricultura familiar, assentamentos e comunidades rurais. Em suas cinco primeiras edições, o jornal procurou valorizar as histórias de vida de personagens significativos para o território, com uma ex-garimpeira hoje trabalhadora rural assentada, um agricultor que passa pelo difícil processo de conversão de sua propriedade para a agroecologia e uma liderança do Movimento das Mulheres Camponesas que vive há cinco anos em um acampamento nas margens da BR-163<sup>7</sup>.

O jornal busca valorizar iniciativas promissoras no caminho da sustentabilidade, como projetos de manejo ecológico das propriedades rurais, controle biológico na lavoura, utilização econômica sustentável de espécies nativas. Ao mesmo tempo, não se furta de

---

<sup>7</sup> Todos os jornais estão disponíveis em formato pdf no portal Estação Vida, na seção Biblioteca/Publicações – [www.estacaovida.org.br](http://www.estacaovida.org.br)



abordar os problemas e entraves ao desenvolvimento da agricultura familiar. Na elaboração da pauta, a orientação da equipe editorial é sempre tentar levar aos agricultores e agricultoras um conjunto de informações que lhes permitam avaliar sua realidade e repensar suas práticas, mostrando os graves problemas ambientais da região sem, no entanto, assumir uma postura de apontar culpados, mas caminhos, estratégias e possibilidades.

A relação com a imprensa local tem se fortalecido através da insistência em uma postura ética – deixando sempre claro que não faz parte de nossa política a compra de espaços editoriais. A Estação Vida não proporciona tratamento diferenciado aos veículos, mantendo a mesma relação e postura com profissionais de veículos de abrangência nacional, estadual ou local e distribuindo o mesmo conteúdo para todos. À exceção se dá unicamente nos casos em que a pauta é de extrema relevância local e se valoriza o contato direto com repórteres dos veículos locais oferecendo material exclusivo, fotos e outras fontes de informação. Nos últimos 12 meses, percebemos que tem crescido o respeito e reconhecimento do trabalho desenvolvido pela Estação Vida entre os veículos locais, com o aumento da publicação dos releases e pautas distribuídos não só nos sites como também nos veículos impressos – por suas características próprias e custos, um espaço mais restrito que a internet. O contato diário com repórteres locais no território fortaleceu a relação com essas mídias, que conhecem o perfil de trabalho da agência. Essa relação de respeito e reconhecimento pode ser observada na seguinte declaração do repórter Reginaldo Francisco, de Alta Floresta, dada à equipe da Estação Vida quando perguntado sobre o material que recebe da agência: “o material de vocês é muito bom, mas algumas vezes vão contra alguns interesses na região e fica difícil publicar”.

O caminho escolhido para a relação com todos os públicos tem sido o da transparência das informações e da clareza de objetivos da Estação Vida e do próprio ICV. O leitor que acessa o portal da agência ou recebe as newsletters têm a disposição no próprio site a política editorial, história e perfil da agência. Os jornalistas que recebem os releases, matérias e sugestões de pauta sabem que se trata de uma agência de notícias ambientais e o jornal Folha Portal da Amazônia traz sempre em sua capa que é um jornal “a serviço do desenvolvimento sustentável do território”.

Fazer comunicação ambiental no Arco do Desflorestamento significa lidar com um universo amplo e complexo de problemas, conhecimentos, atores e conflitos que exigem dos jornalistas o constante aguçamento do senso crítico, cuidado na divulgação de informações e opiniões que possam colocar em risco a segurança de colaboradores e parceiros, firmeza no confronto de idéias com setores que defendem outro padrão de desenvolvimento e sensibilidade para não fazer do discurso ambiental uma verdade única e fechada para o contraditório e a divergência.